

O CORPO DA MULHER SOB DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O SENSO COMUM E A REPRODUÇÃO DE SEUS DISCURSOS PELA MÍDIA

Carlos Alexandre Molina Noccioli¹

RESUMO: Este trabalho, inserido no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica, associado à Teoria das Representações Sociais, busca analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações acerca de um tópico temático tradicionalmente visto como tabu em nossa cultura, designadamente o relacionado a questões sexuais que representam o homem e a mulher. Para tanto, elegemos uma reportagem publicada na revista brasileira de divulgação e curiosidades científicas, a *Mundo Estranho*, acessível de modo on-line a partir do portal da *Super*. Procuramos nos debruçar sobre como o conhecimento em questão é representado socialmente ao se considerar a linha editorial da revista. Partimos do preceito de que o texto divulgativo tende ao emprego de recursos expressivos próximos do senso comum, evitando-se termos técnicos, valendo-se de tipos narrativos, modalizando-se o discurso, utilizando-se de variadas expressões e de paráfrases de textos complexos, no processo de recontextualização da informação sobre ciência. Nesse sentido, a *variação* aparece como produtiva estratégia de inteligibilidade, mas, para além disso, a utilização de termos jocosos, analogias inusitadas e metáforas parecem buscar aumentar o interesse de um leitor jovem, o que, em contrapartida, não contribui para a dissolução de discursos do senso comum, recorrentes nas práticas sociais contemporâneas de nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Divulgação Científica. Corpo.

ABSTRACT: This work, inserted in the theoretical-methodological framework of the Discourse Analysis of Scientific Dissemination, associated with the Theory of Social Representations, seeks to analyze the linguistic-discursive treatment of information on a thematic topic traditionally seen as taboo in our culture, namely or related to sexual issues that represent man and woman. To this end, it chooses a report published in the Brazilian magazine for dissemination and scientific curiosities, in *Mundo Estranho*, accessible online on the *Super* portal. We seek to delve deeper into how the knowledge in question is socially represented and consider itself an editorial line of the magazine. We start from the principle that the published text makes use of expressive resources close to common sense, technical terms are avoided, narrative types are validated, modifications or discourses, variables and paraphrases of isolated texts are used in the process recontextualization of science information. In this sense, a variation appears as a strategy of productive intelligibility, but, in addition, with the use of playful terms, unusual analogies and methods to increase the interest of a young reader, or that, on the other hand, does not use to dissolve common sense discourses, recurrent in contemporary social practices of our culture.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, na linha de pesquisa Tecnologias, Corpo e Cultura, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Rio Claro/Brasil. Professor do Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), campus Muzambinho, Minas Gerais/Brasil. Endereço eletrônico: carlos.noccioli@ifsuldeminas.edu.br.

KEYWORD: Discourse analysis. Scientific Dissemination. Body.
Preliminares

Buscando-se uma análise em torno do tratamento linguístico-discursivo de informações sobre temas considerados tabu, referentes a questões sexuais frequentemente associadas à mulher, em nossa sociedade contemporânea ocidental, elegemos uma publicação, intitulada “O que é o clitóris? Para que ele serve?”, da revista *Mundo Estranho*², em sua versão *on-line*, para que se verifique como o processo de recontextualização do discurso sobre ciência ocorre na mídia brasileira.

Quando nos referimos à reformulação do discurso científico em discurso geral, ou seja, à transposição do discurso da esfera técnica para a esfera do público leigo, emerge uma questão central da nossa discussão: como o discurso sobre ciência é apropriado pela revista em questão no espaço concreto e ideológico destinado ao público-leitor?

A análise do texto aqui proposta compreende o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica como forma de estudo das representações sobre temas considerados tabu na mídia brasileira.

Por essa razão, faz-se interessante analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações de caráter científico na mídia acerca de tópicos temáticos referentes a aspectos sexuais humanos, tradicionalmente vistos como tabu, uma vez que suscitam discussões polêmicas e, conseqüentemente, estratégias de reelaboração, em termos, não só de intercâmbio de registro, mas também de modalização e adaptação do discurso, a fim de que se pondere acerca dos impactos que poderiam causar uma informação de caráter interdito em determinadas convenções sociais.

O encontro do âmbito científico com a experiência social cotidiana obriga o divulgador a uma troca de registros. O processo de divulgação de informação, abrangendo desde a coleta de informações selecionadas para serem organizadas até a reformulação do discurso, presta-se a um grande número de estratégias comunicativas. Partindo-se da concepção de que para que uma informação específica do campo científico possa ser compreendida por um alocutário leigo seja

² A aludida reportagem poderia ser acessada por meio do seguinte link: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-clitoris-para-que-ele-serve/>, mas, no decurso desta publicação, houve atualização da reportagem. Ainda assim, é possível termos acesso ao texto original, por meio do seguinte link: <https://web.archive.org/web/20110522214949/https://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-o-clitoris-para-que-ele-serve>. Esta ferramenta online permite recuperar versões antigas de sites e encontrar páginas fora do ar.

necessário um tratamento linguístico-discursivo das informações, trabalhamos com a hipótese de que a revista *Mundo Estranho* se configura como campo fértil para o estudo do processo de recontextualização, já que o texto de divulgação científica caracteriza-se a partir da construção de um novo discurso em consonância com o contexto sócio-comunicativo em que a informação reformulada se apresenta.

Uma vez que a *Mundo Estranho* funciona como veículo mediador para a aproximação entre a informação técnica-científica e as concepções típicas das relações sociais habituais, supomos alguns propósitos comunicativos inerentes à revista, tais como divulgar, debater e/ou fomentar a curiosidade em relação ao conhecimento que envolva algum tipo de tabu: em nosso caso particular, o que tange um aspecto sexual relacionado à anatomia feminina.

Portanto, esse artigo busca expor uma investigação acerca dos processos divulgativos, em termos de reformulação e recontextualização da terminologia técnica, referentes à temática tabu, em uma revista de divulgação científica destinada ao público geral. Desse quadro do leitor geral, destaca-se, em relação à *Mundo Estranho*, que seu público é formado por jovens pertencentes às classes A e B (BACCEGA; FREIRE, 2007).

A *Mundo Estranho* mantém, no cenário brasileiro, publicações do tipo mensal. Entretanto, além do suporte impresso, a revista amplia sua abrangência através de seu *site*. Nesse contexto, através de um levantamento (ainda que) preliminar, podem-se observar registros de que a revista vem abordando informações relativas a tabus, interessantes ao trabalho aqui proposto.

Nesse sentido, o estudo das informações acerca de tópicos temáticos considerados tabu, relacionados a questões sexuais, como é o caso desta proposta de pesquisa, permite que se analise o discurso a partir da linha editorial da revista *Mundo Estranho*, não se limitando a uma unilateralidade de tal enfoque, mas considerando o discurso como algo complexo e dinâmico, cuja composição está atravessada por questões sociais, culturais, econômicas e institucionais, (in)formando opiniões e (re)produzindo o senso comum.

Análise do Discurso da divulgação científica

Observar o processo de reformulação da informação sobre ciência é necessário para se promover um trabalho analítico baseado em reflexões linguísticas na reportagem aqui escolhida – cuja temática está ligada a um tabu sexual, trazido à tona pela revista *Mundo Estranho* – através

do qual possam se identificar as principais estratégias divulgativas utilizadas pela revista em questão. Busca-se, com isso, conhecer os procedimentos de transformação do texto (re)produzido em forma de reportagem para o “grande público”.

Calsamiglia (1997) define a “difusão dos saberes”, ou seja, a divulgação da ciência, como um processo historicamente constituído, tal qual se configura a própria cultura de um povo. Cada cultura terá seus próprios meios, canais e protagonistas intrínsecos à transmissão do saber. Destarte, em dada cultura contemporânea ocidental, os conhecimentos se confundem com um mundo economicamente industrializado, cuja organização política deve se estruturar a partir de um funcionamento democrático.

A tarefa de popularização da ciência, entretanto, enfrenta uma série de percalços, dentre os quais, Cassany e Martí (1998) destacam a transferência do conhecimento especializado, técnico – cujo sistema conceitual apresenta um alto grau de abstração, refletindo-se, por exemplo, em uma sintaxe complexa – para um público abrangente e heterogêneo, que possivelmente não tem contato com esse tipo de registro e, conseqüentemente, não tem acesso aos dados científicos específicos desse âmbito.

Segundo Calsamiglia (1997), da interação entre interlocutores desencadeia-se um processo de adaptação de várias ordens: desde aspectos da língua enquanto sistema formal (léxico e sintaxe, por exemplo) até aspectos linguístico-discursivos (relação entre interlocutores e configuração da macro-estrutura textual, por exemplo). Práticas de proximidade na relação entre o emissor e o receptor se estabelecem entre especialista e leigo, portanto, uma relação assimétrica no que diz respeito ao conhecimento (re) produzido. Entretanto, Calsamiglia adverte que essa relação não se dá simplesmente sob uma assimetria entre conhecimentos, ou seja, deparamo-nos, para além disso, com mundos de referências distintos. A relação entre esses dois mundos pode ter um intermediário que relaciona o âmbito da ciência ao âmbito do não-especialista, o que criaria a necessidade de um veículo mediador para a aproximação dessas duas esferas. Dessa forma, é perfeitamente aceitável que esse tipo de informação passe por um processo de reformulação, objetivando um discurso acessível, voltado para a comunicação com o público em geral.

Para tanto, a utilização de marcas linguísticas concretas (estratégias, procedimentos discursivos, formas de construção textual) servem aos propósitos dos protagonistas inseridos na interação discursiva de transformação do texto. Segundo Cataldi (2007), é possível encontrar uma

diversidade muito grande de estratégias discursivas utilizadas nesse processo comunicativo, tais como *argumentos de autoridade, definições, metáforas, analogias, explicações*, dentre outras.

Cassany e Martí (1998) utilizam-se do termo estratégias divulgativas para referirem-se a diferentes tipos de recursos ou procedimentos verbais que são usados nos textos para tornar acessíveis ao público leigo os diferentes conceitos técnicos: “Trata-se de um conjunto variado de fenômenos linguísticos que engloba seleção da informação, organização da mesma, formulação discursiva, seleção léxica, tratamento tipográfico, etc.”³ (CASSANY; MARTÍ, 1998, p. 60).

Considerando-se que algumas estratégias (como a narrativização, a contextualização dos conceitos técnicos e a modalização) são típicas do âmbito mais geral e que o texto de divulgação científica é formado por variados discursos, podemos dizer que essas estratégias seriam características do texto divulgativo propriamente dito, já que não seriam exclusivas de nenhum dos discursos que o compõem. Normalmente em textos de registro técnico-científico ou mesmo em certos gêneros textuais (como artigos científicos) em que se formulam conhecimentos, podem ser encontrados: “discursos objetivos, neutros e carentes de expressões subjetivas, buscando uma estruturação mais lógica, não narrativa, enquanto que na divulgação, aparecem elementos modalizadores, construções narrativas e perguntas retóricas” (CASSANY; MARTÍ, 1998, p. 66).

Portanto, o texto, cujo caráter é divulgativo, tende ao emprego de recursos expressivos próximos do senso comum: evitando-se termos técnicos, valendo-se de tipos narrativos, modalizando-se o discurso, utilizando-se de variadas expressões e de paráfrases de textos complexos. Dessa forma, consegue-se discorrer sobre dados teóricos, altamente abstratos e técnicos de forma que esses possam ser compreendidos por leigos.

É preciso, ainda, considerar que, diante desse enfoque linguístico-discursivo, o processo de recontextualização – composto de um rico arsenal de artifícios linguísticos e cognitivos intrínsecos ao próprio processo – demonstra a pluralidade de pontos de vistas capaz inclusive de formar a opinião do público em relação a, por exemplo, como abordar temas sobre a sexualidade, considerando-se a diversidade de vozes que expressam visões de mundo submetidas à reformulação de um novo locutor. Dessa forma, torna-se possível a identificação de representações que expressam a visão de mundo não apenas da linha editorial da *Mundo Estranho*, mas da sociedade

3 Tradução minha de “Se trata de un conjunto variado de fenómenos lingüísticos que abarca cuestiones de selección de la información, organización de la misma, formulación discursiva, selección léxica, tratamiento tipográfico, etc”.

de nosso tempo, já que a revista pode além de formar opiniões, reproduzir discursos do senso comum.

O processo de recontextualização da informação sobre ciência

O processo de recontextualização do conhecimento científico é caracterizado como uma “re-criação” desse tipo de conhecimento para cada público específico. Entretanto, Cataldi (2007) chama atenção para o fato de essa prática discursiva não ser simplesmente um resumo ou redução aleatória de dados científicos, mas sim uma habilidade em selecionar, reorganizar e reformular as informações de caráter técnico para leitores com interesses e objetivos diversos no processo de compreensão dos fatos científicos. É, portanto, o texto divulgativo um tipo de discurso primário, baseado em textos secundários⁴ que vão se modificando dependendo da situação comunicativa. Isso gera a necessidade de “procedimentos, utilizados na mídia [...] a partir de um uso linguístico escrito” variáveis “segundo certos parâmetros contextuais, como a situação comunicativa, os propósitos de quem a realiza e as características dos destinatários” (CATALDI, 2009, p. 49).

Em termos de estrutura cognitiva do discurso de caráter científico, fica a cargo do divulgador a decisão acerca de qual *estratégia divulgativa* utilizar, consoante o propósito comunicativo: “O produtor pode utilizar procedimentos *léxico-semânticos* (sinonímia, paráfrase, definição, descrição, denominação, generalização, etc.), *discursivos* (contextualização, modalização, etc.) e/ou *cognitivos* (analogias, metáforas, metonímias, etc.)” (Ibidem). No que tange a esse último procedimento, o mais comum é que se usem em discursos de divulgação científica representações conceituais calcadas em analogias com o cotidiano.

Para tanto, a recontextualização das informações sobre ciência está diretamente relacionada com os procedimentos concretizados pelo uso linguístico-discursivo específico de *expansão* e *variação*. Cataldi (2007, p. 161) destaca que em discursos escritos as condições de interação recíprocas não são imediatas, “o comunicador utiliza o procedimento de *expansão*, ou inclusão, com o objetivo de proporcionar os significados conceituais necessários para lograr a efetiva participação cognitiva e comunicativa do leitor”.

⁴ Usamos as terminologias “discurso primário” e “texto secundário” conforme Ciapuscio (1997), para quem “texto secundário” representa o intertexto subjacente a um discurso ao qual temos acesso, ou seja, o “discurso primário”.

Nesse sentido, a *expansão* constitui-se por meio de determinadas estratégias discursivas como a explicitação de algum conhecimento compartilhado pelos participantes, bem como pela apresentação de algum tipo de informação nova que contribui para que o leitor estabeleça relações de sua vida diária com o conhecimento científico. Ciapuscio (1997) afirma que as formas de *expansão* são diversas, dentre as quais se destaca a *definição*. Já a *metáfora* seria um recurso do plano emotivo, contribuindo também para associações com objetos do mundo cotidiano. Já a *variação* é um procedimento caracterizado a partir de certas estratégias discursivas de ordem lexical, semântica, ou mesmo de registro – entre termos e conceitos especializados e vocabulário corrente – ocorridas durante o processo de reformulação do texto científico para o texto de divulgação. Dentre outros aspectos linguístico-discursivos, destacam-se a seleção lexical e a modalidade enunciativa.

Assim, *expansão* e *variação* são pilares importantes a serem especificados em nossa análise, de modo a identificarmos sintomaticamente as estratégias que compõem o discurso divulgativo na reportagem da revista *Mundo Estranho*.

A representação do tabu

Dada sociedade, imbuída de preceitos culturais típicos de seu povo, reflete comportamentos em função de interpretações da realidade sobre o que convém e o que não convém ser feito, dito ou tocado, configurando, assim, representações sociais que emergem na comunicação e na inscrição social e institucional do grupo, acerca do tabu.

Como um tabu é designado a partir de uma temática – incluindo-se desde um determinado assunto até determinada conduta ou comportamento – interdita em certa sociedade, observa-se a relevância de aspectos sociais e culturais para sua interdição. Se essa ordem do “evitado” remete a razões que interferem, de algum modo, na sensibilidade das pessoas, ou atentam contra a moral de dada sociedade, os temas considerados tabu estão atrelados a questões variáveis entre grupos sociais, inevitavelmente sujeitos a representações de um determinado povo.

A partir disso, podemos compreender as representações sociais como um conjunto de “regras” que regem o comportamento de dada sociedade, inerente ao processo de sociabilidade de cada indivíduo. Augras (1989, p. 33) explica a contribuição de Lévi-Strauss no que se refere à constituição dessas “regras sociais”. Segundo a autora, “em cada sociedade, as crianças aprendem,

desde o nascimento, como sua cultura representa o mundo, e quais são as regras de comportamento dentro dele”, configurando-se o sentido do termo “socialização”. A socialização é, no âmbito das representações e valores, capaz de transformar “regras de conduta e representações do mundo em vivências individuais”.

Nesses termos, a realidade que o ser humano constrói dá-se em conjugação com a sociedade e “é no significado que cada grupo atribui aos elementos que compõem seu mundo que devemos buscar a compreensão” do tabu (AUGRAS, 1989, p. 34).

Rodrigues (1983) aponta que o corpo humano, ou mesmo o sistema biológico humano como um todo, está sujeito à representação da própria espécie, à luz de fatores sociais e culturais. Portanto, é importante observar essas representações no campo da linguagem, dado que as “formas linguísticas estigmatizadas e de ‘baixo prestígio’, condenadas pelos padrões culturais” (PRETI, 1984, p.3) tendem a sofrer algum tipo de variação, associada ao contexto de produção a que estão veiculadas. Em nosso foco de análise particular, a divulgação científica de um tema considerado tabu atrelados à anatomia feminina inscreve-se nesse tipo de associação.

Poderíamos, a partir disso, conceber que a representação social é uma ação simbólica que, além de nortear o mundo, facilita sua compreensão; já que “tem um caráter cognitivo e autônomo e configura a construção social da realidade” em via de mão-dupla entre ação e comunicação (ARRUDA, 2003, p. 142). Neste artigo, cujo interesse remete a uma análise de uma reportagem de divulgação científica, destaca-se a necessidade de uma dilatação teórica que possa subsidiar questões referentes a representações no plano da sexualidade masculina e feminina, entendidas como tabu.

Considerando, então, o aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, pode-se dizer que esse construto é valioso instrumento de compreensão acerca de dada sociedade, não transcrevendo, ou refletindo fielmente a realidade, mas interpretando-a a partir do olhar do observador. Sob esse viés, é natural que se identifiquem, nos discursos considerados tabu de uma revista, como a *Mundo Estranho*, não só as ideologias que partem da linha editorial da revista, como também a representação do discurso de nossa sociedade.

Reportagem em análise

No texto publicado sob a Edição 45 da *Mundo Estranho*, disponível em versão *on-line* no site da revista, cuja reportagem intitula-se “O que é o clitóris? Para que ele serve?”, constante da seção *Saúde*, o jornalista Rodrigo Ratier propõe-se a fazer um guia através do qual o leitor pudesse encontrar o pequeno órgão específico da anatomia feminina. Para tanto, o texto apresenta a estrutura da genitália feminina, nomeando seus elementos numa intenção divulgativa.

O título da reportagem aparece em forma de perguntas retóricas, remontando o caráter almanaquista da revista de satisfazer curiosidades a partir de perguntas e respostas. Nessa expectativa divulgativa das perguntas retóricas, a interatividade e a inclusão do leitor no texto, mesmo que de forma simulada, remetem a construções que se assemelham a interações face a face, observáveis através de marcadores discursivos típicos da oralidade, como nos exemplos seguintes:

- (1) *Hein, ereção? Você leu certo: é a mesma coisa que acontece com o pênis [...]*
- (2) *Ou seja, já deu para sacar uma coisa: o "clit" é supersensível.*
- (3) *Se você quer dar prazer, não dá para apertar o treco como se fosse uma campainha.*
- (4) *Mas não esqueça que quem mergulha nessa aventura "lingüística" tem que se proteger.*

Os marcadores discursivos, bem como a evocação da cumplicidade do leitor (conforme grifos), buscam, pela função apelativa da linguagem, fomentar a adesão do leitor.

Em outra parte do texto, a segunda, e última, destacada com sombreado cinza⁵, intitulada “Mapa da mina”, cujo subtítulo é “Um guia visual para encontrar o caminho da felicidade”, há a sugestão de que a exposição a ser apresentada estará configurada como um texto do tipo injuntivo, por meio do qual se pudesse chegar até o clitóris. No entanto, essa seção mais apresenta *explicações* anatômicas sobre a genitália feminina do que propriamente um passo a passo para encontrá-lo. Ainda assim, como um mapa, o texto oferece uma representação visual da região, expondo localizações, distâncias e coordenadas espaciais:

- (5) Ele [clitóris] fica escondido embaixo do prepúcio na maior parte do tempo, mas pode aparecer quando a mulher fica excitada
- (6) [...] essa pequena abertura [...] fica uns 2 centímetros acima da vagina [...]
- (7) O "botão do prazer" feminino fica na abertura superior da vagina, onde os pequenos lábios se encontram.
- (8) [Os pequenos lábios] Ficam entre os grandes lábios e o canal vaginal.

⁵ Conforme pode ser visualizado na reportagem por meio do mesmo link já disponibilizado.

Esse tipo de analogia traduz um traço de coisificação associado à sexualidade feminina. Ao simplificar a busca pelo clitóris a uma “caça ao tesouro”, mapeada em contornos práticos de um guia, a revista reproduz o discurso do senso comum, presente ainda em nossa sociedade, arraigado no tabu inerente à figura feminina, qual seja o da mulher objeto. Não obstante ao valor intrínseco ao que, literalmente, se define por “mina”, designadamente uma fonte de recursos economicamente exploráveis, a comparação implícita presente na utilização do termo remete a mulher ao universo “material”, reduzindo o valor da anatomia feminina ao plano do explorável, da felicidade reificadamente encontrável (por outro alguém). Essa associação reconstrói aquilo que está subjacente nas práticas sociais contemporâneas, refletindo não só uma mera expressão linguística do senso comum, a saber, “mapa da mina”, mas os sentidos gerados a partir de valores radicados que tangem às questões sexuais conexas à mulher.

Nos termos da Divulgação Científica, destaca-se que a expressão “mapa da mina” é comum ao vocabulário cotidiano, o que serviria a promover uma maior aproximação entre a informação técnica e o público leigo na divulgação do tema. Para além disso, vale dizer que, na utilização do vocabulário de alguns grupos sociais formados por jovens urbanos, a expressão “mina” pode mesmo designar jovens do sexo feminino, ou seja, em carácter ambíguo, o título pode até ser uma dupla referência: (i) uma mera associação com uma expressão do senso comum, explorando nuança de sentidos próximos ao mapeamento de lugares valiosos; ou (ii) um possível entendimento para a genitália das mulheres, em variação provocada no intercâmbio entre os vocábulos mina/mulher. Ainda assim, é importante destacar que, no primeiro sentido, a tonalidade de “valor” é cambiante, sugerindo ser valioso ou para as mulheres cujo órgão possa ser encontrado ou para quem quer que o encontre. Em outras palavras, a questão verdadeira é: valioso para quem? A quem se pode fazer valioso o conhecimento do mapa?

Essa demanda pode nos nortear a busca pela identificação do público leitor da reportagem, já que, embora o tema divulgado remeta ao universo da anatomia feminina, o guia para encontrar o “caminho da felicidade” pode ser volátil. É possível encontrar marcas textuais que apontem para a inferência de que o texto seja mais voltado ao público masculino do que ao feminino. O texto não se configura, pois, como um guia de autoconhecimento para as mulheres. Essas pistas textuais são

deixadas em construções nas quais a figura feminina aparece não como interlocutor, mas como referente da discussão:

(9) A função desse pequeno órgão é uma só: dar prazer *pra mulherada*.

A preposição “para” (sob a forma reduzida “pra”, típica da informalidade no texto) conduz o valor semântico de *direção*, apontando a mulher não como agente de sua própria felicidade, mas como fator objeto, fim a que se mira; a propósito, neste caso, objetivam-se não poucas mulheres, mas um agrupamento numeroso, a “mulherada”. Ao conflitarmos essa construção com outras em que a interatividade inclui um leitor masculino⁶, relega-se a mulher ao estatuto de terceira pessoa, sugerindo que o foco da discussão não envolva a procura do caminho da felicidade pela mulher. Ou ainda, que encontrar o caminho da felicidade não seja desempenho da própria mulher. Em (10), a função apelativa promove a instigação do processo pelo parceiro agente:

(10) Se você quer dar prazer, não dá para apertar o treco como se fosse uma campainha.

A expressão “dar prazer” provoca um efeito de sentido associado à atribuição do sucesso da relação sexual ao parceiro atuante. Para a questão sexual envolvida, todavia, o sucesso de um compartimento inevitavelmente implica o sucesso do outro. Não obstante, justamente no emprego dessa construção, engendra-se o sarcasmo assinalado pela subjugação do ato sexual, no momento em que se relaciona um caráter lúdico à “busca pela mina”. E a instituição de “quem vai buscar” promove a imagem do homem que consegue satisfazer de forma eficiente a parte alvo, passiva na relação.

A partir desse ponto, para descrevermos as estratégias divulgativas com auxílio das quais se estrutura a reportagem, passamos a identificar os procedimentos linguístico-discursivos afluídos no texto.

⁶ A discussão poderia se estender à possibilidade de a reportagem tratar de um guia para um parceiro(a) não necessariamente do sexo masculino, entretanto, essa argumentação pode ser derrubada ao identificarmos construções do tipo: “Uma opção é usar um filme plástico do tipo magipack entre a língua do *menino* e a vagina da *menina*” (itálicos meus).

Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão* e *variação*

a) Procedimento de *expansão*

O procedimento linguístico-discursivo de *expansão*, utilizado para a ampliação do conhecimento, próprio do discurso de divulgação, incide no texto por meio de quatro estratégias divulgativas que se sobressaem: *argumento de autoridade*, *definição*, *analogia* e *explicação* (este último predominantemente na segunda parte do texto).

Na primeira parte do texto, dois argumentos de autoridade são estrategicamente utilizados. Em um primeiro momento, o jornalista ratifica a resposta às perguntas retóricas do título, sinalizando (i) *definição* e (ii) *função* do órgão por meio da *afirmação* de uma autoridade, apontando a citação direta de uma ginecologista da Universidade Federal de São Paulo:

(11) "Por causa de seus milhares de terminações nervosas, o clitóris é a parte da vagina mais sensível ao toque, ao contato e à fricção, podendo levar a mulher ao orgasmo", afirma a ginecologista Carolina Teixeira de Carvalho, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Num segundo momento, também em citação direta, o *argumento de autoridade* apresenta os riscos sobre o sexo oral, bem como alternativas para se evitarem possíveis contágios:

(12) "Afinal, o contato da boca com a vagina também pode transmitir doenças - inclusive a aids, se um dos dois parceiros tiver algum ferimento no local. Uma opção é usar um filme plástico do tipo magipack entre a língua do menino e a vagina da menina", diz Carolina.

Observam-se dados relevantes, em termos de credibilidade científica, atribuídos à evocação do nome da pesquisadora e de sua instituição. Informações sobre o contexto científico, como (i) quem realizou a publicação e (ii) a partir de qual instituição o fez, conferem à divulgação na mídia jornalística um efeito de sentido conexo ao verossímil – os detalhes, bem como a constituição de um texto que apresenta informações sobre a pesquisa, atribuem um caráter mais crível ao discurso.

Podemos observar em (11) a *definição* atrelada ao discurso de uma autoridade na área, por meio de uma conformação prototípica da definição: a utilização do verbo “ser” em “o clitóris é” e de termos especificadores tais como “sensível ao toque, ao contato e à fricção”. Para além das

definições associadas aos *argumentos de autoridade*, destacam-se outras definições no desenrolar do texto:

- (13) [...] o misterioso "clit" é um botãozinho na parte de cima da vagina [...].
- (14) [...] o clitóris é a parte da vagina mais sensível ao toque, ao contato e à fricção, podendo levar a mulher ao orgasmo [...].
- (15) [Grandes lábios] São a camada mais externa da vagina.

A *analogia* é outra importante estratégia divulgativa, já que facilita a compreensão dos leitores por associação a elementos cognoscíveis. A partir dela, os conceitos abstratos são comparados a aspectos mais próximos da realidade do público leigo. Observemos, a seguir, os casos de *analogias* encontradas no texto:

- (16) [...] onde os pequenos lábios formam um "V" [...].
- (17) [...] comparado com o corpo dos meninos, o clitóris equivale à cabeça do bilau.
- (18) [...] não dá para apertar o treco como se fosse uma campainha.
- (19) [Pelos pubianos] Servem como um "tapete" para dificultar que a sujeira e microorganismos nocivos cheguem até a vagina.
- (20) [Grandes lábios] funcionam como uma "almofadinha" durante a transa

Destaca-se deste último pequeno grupo do *corpus*, a *analogia* promovida em (17). Desde a apresentação de equivalência entre “corpo das meninas” e “corpo dos meninos”, o jornalista abre precedente para uma discussão de correspondência entre os gêneros – se os meninos mostram semelhanças com as meninas em seu corpo, isso quer dizer que, reciprocamente, as meninas manifestam traços do corpo dos meninos no seu próprio corpo.

Ao reduzir aspectos mais complexos acerca da anatomia humana, em particular, com relação à genitália indiferenciada que dá origem tanto à genitália masculina quanto à feminina, o texto divulgativo exhibe, em princípio, o corpo prototípico, para que, enfim, possa se compreender algo sobre sua dissidência. Parte-se do conhecimento acerca da anatomia masculina, a fim de se esclarecer sobre a, então, obscura anatomia feminina, numa espécie de ratificação do mito da costela de Adão, criadora da Eva, sendo o cerne masculino o princípio para referência à mulher.

b) Procedimento de *variação*

Considerando a necessidade de adequação da linguagem da revista de divulgação de curiosidades ao seu público geral e jovem, observa-se na reportagem a utilização de diversos exemplos de *variação*, através dos quais o jornalista articula uma maior aproximação com o leitor. Embora a temática enfocada seja relativa ao tabu, a maior parte das *variações* não se dá em vista da modalização eufêmica da linguagem. Ao contrário disso, ocorrem mais provocações de disfemismos para gerar humor, por meio de trocadilhos, ambiguidades e analogias inusitadas.

Organizamos, conforme os quadros subsequentes, as *variações* encontradas no texto, tanto para “clitóris”, quanto para as questões relativas ao tabu sexual de modo mais amplo:

Quadro 1: *variações* encontradas no texto para “clitóris”

Clitóris
“clit”
botãozinho
pequeno órgão
treco
campainha
“zona do agrião”
“botão do prazer”

Fonte: Produzido pelo autor.

Destaca-se deste quadro a utilização de expressões corriqueiras, tais como “botãozinho”, “treco” e “campainha”, corroborando a hipótese de que existe uma tentativa de aproximação com o público geral. A expressão “zona do agrião”, em especial, remete ao universo do futebol. Neste contexto, do esporte, o termo é utilizado para designar o espaço do campo próximo ao gol, local onde a movimentação dos jogadores é mais cuidadosa, mais decisiva. Nesse sentido, embora o futebol esteja radicado na cultura brasileira e seja o esporte mais popular do país, a utilização de uma gíria mais específica como esta pressupõe uma aproximação entre os leitores da revista e os conhecedores de tal prática esportiva. Enfim, dessa associação, pode-se depreender que sexo seja jogo. No jogo do sexo, o ato mais importante da partida se dá no entorno do gol. Assim é que, para se cumprir o principal objetivo do desafio, a dinâmica bola, impulsionada por um ativo jogador, ultrapassa por completo a linha entre as estáticas traves, imóveis como passivos postes que são. Por fim, há um eficiente vencedor, há um submisso vencido.

De ora em diante, ao identificarmos, de forma mais abrangente, sentidos conexos ao ato sexual, exibem-se, na reportagem, expressões também próprias do senso comum:

Quadro 2: *variações* encontradas no texto para “ato sexual”

Ato sexual
<i>amassos violentos</i>
<i>rala-e-rola</i>
<i>aventura lingüística</i>
<i>transa</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

No que diz respeito, notadamente, à expressão “aventura lingüística”, destaca-se o caráter chistoso creditado ao termo “língua”, explorando-se sua ambiguidade e resvalando-se, a partir disso, no sentido da palavra derivada. Dessa forma é que se provoca uma referência ao sexo oral e, além disso, aos “mergulhadores” dessa prática. A construção “quem mergulha nessa aventura” habilita uma imaginação burlesca na relação entre mergulhar e fazer sexo oral, afiançando seu risco através da palavra “aventura”.

Tanto esse processo sustentado sobre construções jocosas, quanto a cumplicidade simulada entre revista e leitor ostentam-se como recursos típicos do texto de divulgação científica publicado pela revista *Mundo Estranho*. Desde esses elementos lingüístico-discursivos, podemos, ademais, perceber representações de nossa sociedade que dizem respeito a questões não só sobre sexo, mas, sobretudo, sobre a imagem da mulher evocada em interações sociais ligadas ao senso comum.

Uma síntese para esta análise

Destacamos do texto o caráter explicativo e, principalmente, impregnado de recursos divulgativos que remetem ao prosaico, tematizando uma questão curiosa ao universo jovem. Nessa esteira, para além de uma função informativa que poderia ser atribuída à revista, percebemos a construção de chistes de maneira burlesca, os quais reafirmam o senso comum.

O número significativo de *variações* apresentadas no texto faz com que a reportagem esteja permeada de estratégias para torná-la mais acessível ao público leigo, superando os inevitáveis termos técnicos através de correlatos mais familiares ao interlocutor não especialista. Entretanto, o que se observa não é somente a utilização da *variação* como uma estratégia de inteligibilidade, mas sim uma inserção a partir de termos jocosos, analogias inusitadas e metáforas, que aumentam o interesse de um leitor jovem. Para tanto, vale a pena destacar o tipo de registro utilizado, dotado de uma linguagem peculiar a esse universo. A representação dessas *variações* está atrelada à visão de mundo do público leitor em relação ao tema: os jovens e a abordagem sobre a questão sexual. Nesse

sentido, o que se observa é a utilização de uma linguagem além daquela tipicamente empregada em textos de divulgação científica, dotada de termos usuais e voltada para um público geral. A linguagem da *Mundo Estranho* vale-se de um léxico a reboque do achincalhamento.

Na mesma esteira, o emprego das estratégias divulgativas demonstra-se estar relacionado à tentativa de se promover uma maior aproximação com o leitor. Embora a temática abordada tenha sido relativa à uma questão tabu, a maior parte dos recursos não se dá em vista da modalização eufêmica da linguagem. Ao contrário, são mais provocações de difemismos para gerar humor.

Esses tons jocosos somente são possíveis uma vez que a temática em questão é o próprio tabu. Ao debochar do tabu, o jornalista procura se aproximar mais do cômico e do transgressivo. Dessa forma, a linha editorial da revista entra em sintonia com o público leitor, a qual apresenta uma aparente conduta de transgressão de paradigmas, através de piadas com assuntos interditos e da abordagem de temas curiosos a essa faixa etária.

Assim, a reportagem analisada não se configura como um veículo de mera difusão do conhecimento, facilitador de informação, mas sim um veículo que intenta também ironizar o tema de caráter tabu, visando a uma maior adesão de seu público leitor. Ao contrário do que se espera de um veículo difusor do conhecimento científico, ou seja, de uma mídia que buscava desfazer mitos arraigados em nossa cultura, esse tipo de comportamento pode contribuir ainda mais para a manutenção das concepções sexuais já difundidas pelo senso comum.

Ao apresentar um aporte científico para a abordagem do tema, é possível depreendermos do discurso da revista, através do tema relacionado à questão sexual que representa o homem e a mulher (ou o menino e a menina, nos termos do jornalista), o debate aventado na reportagem: a constituição de um discurso científico que considera o eixo de comparação acerca do universo feminino a partir do universo masculino e vice-versa.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o texto escrito por Rodrigo Ratier atinge uma relativa adequação à situação comunicativa a que se propõe a revista *Mundo Estranho*: divulgar o conhecimento através da aproximação entre a revista e o leitor, despertando a curiosidade deste, por meio de chistes e construções pilhéricas. No entanto, ao mesmo tempo que se coaduna com seu imaginável público, a publicação reproduz o discurso do senso comum, ainda patente nas práticas sociais contemporâneas de nossa cultura, associadas às questões sexuais relacionadas a figura da

mulher. Nessa perspectiva, reifica-se a sexualidade feminina, outorga ao homem o protagonismo na construção do prazer e reduz discussões sexuais complexas ao nível da zombaria.

Referências

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)*, Campinas, SP, v. 117, p. 127-147, 2003.

AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BACCEGA, M.; FREIRE, D. A publicidade nos livros didáticos do Ensino Médio. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/7098>>. Acesso em 13 mar. 2012.

CALSAMIGLIA, H. Divulgar: itinerarios discursivos del saber: una necesidad, un problema, un hecho. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 9-18, 1997.

CASSANY, D.; MARTÍ, J. Estrategias divulgativas del concepto príon. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 12, p. 56-66, 1998.

CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007, p. 155-164.

CATALDI, C. A ciência na mídia impressa: a divulgação debate sobre transgênico. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. *Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade*. Viçosa, MG: UFV, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLet, 2009, p. 43-63.

CIAPUSCIO, G. Lingüística y divulgación de ciência. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p.19-28, 1997.

PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.